

Quatro bandas de rock da cidade abrem espaço com suas guitarras hoje na Zoon Z, prometendo uma festa onde não faltam decibéis
Pág.....3

CORREIO BRAZILIENSE, sexta-feira, 16 de abril de 1993

CORREIO DOIS

O forrozeiro Messias Holanda, que se recupera de um acidente, ganha uma festa para comemorar sua recuperação em Brasília
Pág.....6

Não pode ser vendido separadamente

O morto em cartaz



Moraes: "região da grande síntese"

O filme *O Círculo do Fogo*, finalmente estréia e luta contra a extinção do cinema

Depois de estar pronto há três anos, de ganhar vários prêmios e de representar o Brasil no exterior, o filme *O Círculo do Fogo*, de Geraldo Moraes, finalmente entra em cartaz, para matar a curiosidade do grande público. No período de 10 a 16 de maio próximo, o brasileiro finalmente poderá assistir ao filme que ficou com os prêmios de melhor atriz, melhor fotografia - Festival de Brasília do Cinema Brasileiro - e que foi selecionado entre as melhores produções, também em 1990.

"A demora de três anos para que *O Círculo do Fogo*, entrasse em cartaz - explicou o diretor, professor da Universidade de Brasília e hoje secretário nacional de planejamento do Ministério da Cultura, Geraldo Moraes - deu-se por conta do desastre que o governo Collor causou no País como um todo e especialmente na cultura brasileira, nocauteando principalmente o cinema. Meu filme ficou pronto em fevereiro de 1990. Mas ao assumir, Collor extinguiu o cinema brasileiro, com o fechamento da Embrafilme".

Ressuscitar — Hoje, o quadro político nacional mudou, o governo Collor já faz

parte do passado, mas o cinema brasileiro ainda não se recuperou do assassinato que sofreu, "por parte de Collor de Mello, João Santana e Ipojuca Pontes. O primeiro era o presidente, o segundo chefe do planejamento e o terceiro era o secretário de Cultura. Os três decretaram a morte do cinema nacional, que ainda não ressuscitou", comenta Geraldo. Afinal, existem hoje mais de 45 filmes brasileiros inéditos. "Quando terminei as filmagens de *O Círculo do Fogo*, havia 30 filmes na mesma situação que o meu: órfãos do Estado, por causa da morte da Embrafilme".

Geraldo acredita que é preciso uma imediata mudança de mentalidade "não apenas por parte da sociedade, mas também e principalmente por parte do Governo da União. O produtor de cinema no Brasil é um desamparado em todos os sentidos. O Governo brasileiro tem que ver o cinema nacional como um produto de altíssimo nível da in-

dústria nacional de exportação. Mas isso não acontece. Lamentavelmente."

Por exemplo: em outubro de 1990 *O Círculo do Fogo* representou o Brasil no IV Festival dos Filmes das Américas, em Washington-EUA. "No dia em que o filme que representava o Peru, por exemplo, foi exibido, a embaixada peruana em Washington promoveu um coquetel para a imprensa e críticos, com o objetivo de divulgar a cultura do país deles. Perguntem que faz a embaixada brasileira em qualquer país do mundo onde se faz necessária uma atitude dessas? Nada. Absolutamente nada."

As dificuldades começam desde o momento em que o cineasta brasileiro decide fazer qualquer trabalho. Com a produção de *O Círculo do Fogo*, gastou um milhão de dólares. Desse total, a Embrafilme - que arcaria com a distribuição do filme - entrou com apenas 120 mil dólares, correspondentes a 13 por cento do total das despesas. "É triste constatarmos hoje no País a existência de mais de 45 filmes nacionais inéditos, pela morte da Embrafilme e pela falta de distribuidor. Aliado a isso tudo, temos ainda a inexistência de cobertura para o cineasta que se aventura a colocar filmes seus em festivais internacionais."

Amor e ódio em Goiás Velho

O Círculo do Fogo levou quase três anos para ficar pronto. Foi inteiramente rodado em Goiás Velho, pequena cidade do interior. Lá ocorre o assassinato de um lavrador e o fato acirra a oposição entre os trabalhadores do mercado público e a Prefeitura local. O conflito explode entre Luciana — uma ceramista — e seu

irmão Afonso, empregado e líder político. O drama chega ao clímax quando Luciana descobre que possui armas que podem libertá-la da opressão de Afonso e livrar a cidade do antigo poder. Mas para isso ela deverá enfrentá-los numa luta ritual de amor e ódio, de vida ou morte.

No elenco, estão Cristina Prochaska; Ednei Giovenazzi, Tonico Ferreira; Roberto Bonfim; Malu Moraes; Venerando Ribeiro; Rui Pollanah; B. de Paiva; Mauri de Castro; Marilena Chiarelli; Sheila Aragão; Dora Wainer; Carmem Moretzsohn; Ana Cristina Galvão; Patrícia Mansur; Ma-

Olhar marginal — Geraldo tem uma explicação para este problema: "O artista sempre foi visto como marginal pelo sistema. O artista sempre lançou o seu olhar marginal sobre a sociedade do seu tempo. E a sua função, aliás, é a de ser marginal, a de funcionar como um crítico da própria sociedade. O governo Itamar Franco precisa recuperar o patrimônio histórico e cultural arrasado pelo governo anterior. Até porque se trata da sobrevivência da arte e do artista. Do jeito que está, não pode ser."

"Por onde eu tenho viajado, a serviço, a grita é geral: salvem a cultura brasileira. O estado é de desespero, beira a histeria mesmo, devido a grande quantidade de problemas. Problemas que, aliás, encontram no ministro Antonio Houaiss, da Cultura, um homem muito sensível, na busca de soluções", prossegue.

No caso específico dos cineastas, Geraldo não enxerga luz no final do túnel mais próximo. "Aliás, a essa altura, eu nem sei se ainda existe túnel. De que forma o cineasta brasileiro pode trabalhar se ele não tem dinheiro? O Brasil não tem distribuidora de filmes. Dos aproximadamente 25 filmes que passam semanalmente na televisão brasileira apenas um é nacional e se, nas lojas de vídeo, não há sequer espaço para os nossos produtos. A situação é desanimadora. A produção brasileira de vídeo não tem sequer espaço nas classificações dos proprietários de locadoras, nas definições de comédia, aventura, drama, etc. Nossos vídeos ficam numa sala escura e longe dos olhares do público."

■ José Menezes de Moraes

galhões de Almeida; Roque Fritsch e Ana Leticia. Argumento, roteiro e direção de Geraldo Moraes. Fotografia de Walter Carvalho e cenografia de Rachel Arrua. Música original de David Tygel e Maurício Maestro.

O Círculo do Fogo entra em circuito comercial pela primeira vez no Brasil, após ter representado o País em diversos festivais de cinema no exterior. Entre eles: VI Chicago Latino Festival (EUA); Festival de Cinema Trieste (Itália) e Sessão Especial em Roma, entre outros. Cor. 104 min.

Cinema que é fruto da magia de uma região

Cineasta rediscute o País a partir do Centro-Oeste

O Círculo do Fogo é o segundo filme de longa-metragem dirigido por Geraldo Moraes, gaúcho de nascimento, residente há mais de 20 anos em Brasília. O primeiro longa foi *A Difícil Viagem*, filmado, a exemplo do segundo, na região Centro-Oeste. Geraldo realizou mais de 20 curtas, apoiou a produção de cinco longas, além de ser um dos criadores do Centro de Produção de Vídeos, na Universidade de Brasília (UnB), onde atua como professor. Por que o amor pelas produções do Centro-Oeste?

"Esta é a região da grande síntese brasileira", responde o diretor. Brasília vai completar 33 anos de idade, mas já tem uma cultura cinematográfica própria, que superou todas as expectativas, em se tratando de uma cidade tão nova, projetada para ser o centro administrativo do País. Aqui já se produziram 13 ou 14 filmes de longa-metragens, todos falando de uma estética cinematográfica nossa, própria. E milhares de problemas, passando pelo problema maior: a falta de dinheiro dos produtores culturais.

Rediscutir o País — Na opinião de Geraldo Moraes, a estética cinematográfica brasileira — ou que se produz em Brasília — tem uma função imediata: rediscutir o Brasil. "Sem entrar na discussão estética em si, a nossa produção já tem uma história própria. É superior às expectativas que se poderia fazer de uma cidade tão nova. Isso, por si só, é a própria característica da cultura brasileira. O Centro-Oeste representa um grande momento de convergência da cultura brasileira sobre si mesmo. Somente aqui escutamos com frequência a clássica pergunta: "Você nasceu em que estado? Neste sentido, eu acredito que vivemos aqui o embrião de uma futura expressão estética nacional, característica dessa região e de sua confluência cultural".

Geraldo se confessa uma "das vítimas" da magia da região Centro-Oeste. Especialmente de Brasília, "cuja presença é muito forte, em todas as áreas. 'A Paixão de Cristo' montada anualmente em Planaltina, por ocasião da Semana Santa, é um fenômeno que se explica nessa confluência geográfica. Nenhum dos atores da peça é funcionário público. Se fossem, aliás, eu não acredito que haveria a peça. Mas isso tudo é apenas para constatar que o Brasil vive hoje um grande momento histórico: o momento do encontro consigo mesmo", concluiu. (J.M.M.)